

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

MARIA LUIZA VIENA BORGES

LESBIANIDADE E SUA REPRESENTAÇÃO NA TV: UMA ANÁLISE SOBRE
INFORMAÇÃO, FORMAÇÃO E SUPERAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NA SÉRIE A
LEAGUE OF THEIR OWN

Rio de Janeiro

2022

MARIA LUIZA VIENA BORGES

**LESBIANIDADE E SUA REPRESENTAÇÃO NA TV: UMA ANÁLISE SOBRE
INFORMAÇÃO, FORMAÇÃO E SUPERAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NA SÉRIE A
LEAGUE OF THEIR OWN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof. Dr. Patrícia Mallmann Souto Pereira

Coorientadora: Prof. Dr. Gilda Olinto de Oliveira

Rio de Janeiro

2022

Ficha catalográfica

B7321 Borges, Maria Luiza Viena.
Lesbianidade e sua representação na TV: uma análise sobre informação e
superação de estereótipos na série *A League of Their Own* / Maria Luiza Viena
Borges. – 2022.
67 f.; 31 cm.

Orientadora: Patrícia Mallmann Souto Pereira.

Coorientadora: Gilda Olinto de Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal do
Rio
de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em
Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação, 2022.

Bibliografia: f. 59-64.

1. Desinformação. 2. Estereótipo (Psicologia). 3. Lesbianismo. I. Pereira,
Patrícia Mallmann Souto, orient. II. Oliveira, Gilda Olinto de, coorient. III.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Administração e Ciências
Contábeis. IV. Título.

CDD 020

MARIA LUIZA VIENA BORGES

Lesbianidade e sua representação na TV: Uma análise sobre informação e formação de estereótipos na série a league of their own

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2022.

Prof. Dr. Patrícia Mallmann Souto Pereira – UFRJ
Orientadora

Prof. Dr. Gilda Olinto de Oliveira – IBICT
Coorientadora

Prof. Me. Carla Beatriz Marques Felipe – UFRJ
Membro interno

Prof. Me. Thayron Rangel – UFRJ
Membro interno

À todas as pessoas que se sentem representadas de forma superficial, nós conseguimos.

AGRADECIMENTOS

Quando estava no terceiro ano do ensino médio, não sabia exatamente o que queria para minha vida. Lembro de estudar para o ENEM apenas para fazer uma faculdade e não ficar parada em casa no ano seguinte. Escolhi a biblioteconomia porque uma amiga, Yngrid, anos antes, havia me dito que combinava comigo, e, como eu não me identificava com nenhum outro curso, entrei para a turma de 2019.1. E eu não poderia prever o quanto me apaixonaria por essa área e profissão.

Jamais estaria na graduação se não ingressasse no Pré-vestibular Comunitário São Mateus, organizado pela Educafro. Por mais puxado que fosse estudar em horário integral na escola e conciliar com as aulas pré-enem aos sábados e domingos, a sensação de aprender era extremamente gratificante. Entretanto, estar com pessoas que compartilhavam as mesmas angústias sobre o futuro e os mesmos objetivos, era ainda mais especial. À Aline, Camila, Julia, Melissa e Nathália, obrigada pelas risadas e pela companhia.

Agradeço à minha família, por sempre ter me incentivado a estudar e perseguir meus objetivos, fosse ele entrar em uma escola de elite ou fazer uma prova bimestral de matemática, em especial à minha avó, Maria Terezinha, a quem eu tenho a felicidade de dar orgulho por minhas conquistas acadêmicas, agradeço pela fé em mim e pelo acolhimento e paciência que teve, e tem, comigo.

Meus melhores amigos, Airam e Yngrid, que estiveram comigo nos piores momentos da minha vida e me proporcionaram os melhores durante esses sete anos de amizade. Vocês me apoiaram em cada decisão que tomei e torceram por mim e pela minha felicidade, nunca vou poder agradecer o suficiente pela amizade, carinho e amor que vocês me proporcionaram, essas palavras são pouco para expressar o quanto vocês significam para mim.

Aos Chernos, grupo de amigos que conheci na graduação, todo o meu carinho e admiração, Gabrielly, Júlia, Jully, Luís Vittor, Nayara, Vitória, Windy e Yasmin. Não era possível ver apenas um de nós no campus, sempre estávamos juntos, falando besteira, atrapalhando o silêncio das áreas de convivência e fazendo lanchinhos. Todos os momentos de incerteza durante a graduação foram amenizados por vocês, pois sabia que sempre ajudaríamos uns aos outros. Obrigada pela amizade de vocês e por me permitirem ser eu mesma.

À minha amiga Leny Rodrigues, que é como uma irmã mais velha pra mim. Obrigada por todos esses anos de apoio e amor, mesmo com todos os contratemplos e com a vida

acontecendo à toda velocidade, nunca esquecemos uma da outra e sou uma pessoa mais feliz e completa por ter você de volta comigo.

À minha namorada, não tenho muitas palavras diferentes das quais já digo sempre. Obrigada por me mostrar que o amor é paciente e gentil e por estar comigo nos momentos finais, e mais sofridos, da minha graduação, sem o seu apoio e nossos planos para um futuro juntas eu não poderia ter concluído essa pesquisa.

Agradeço especialmente às mulheres incríveis com quem tive o prazer de trabalhar durante o estágio nas bibliotecas da Rede Baixada Literária, especialmente à Isadora Escalante, Mônica Verdam, Natália Reis e Nathália Cabral. A troca de conhecimentos, as conversas descontraídas e até mesmo os puxões de orelha para que eu almoçasse, fez com que eu enxergasse a biblioteca como um lugar não só de leitura e aprendizado, mas de acolhimento, foi uma experiência que não trocaria por nenhuma outra.

Por fim, gostaria de agradecer aos docentes do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, em especial ao Prof. Me. Thayron Rangel, pelos conselhos e dicas de ouro, e ao Prof. Dr. Danilo Pestana, por sempre tratar os assuntos com leveza e por ser solícito a todas as questões apresentadas. Agradeço também à Prof. Me. Carla Beatriz por aceitar fazer parte da banca examinadora deste trabalho. Destaco também a Prof. Dr. Patrícia Mallmann, que é minha orientadora nessa pesquisa, obrigada pela paciência e dedicação comigo, foi um prazer trabalhar com você e com a Prof. Dr. Gilda Olinto.

“Antes de qualquer tipo de movimento feminista existir, lésbicas existiam: mulheres que amavam mulheres, que se recusavam a aceitar o comportamento que lhes era esperado, que se recusaram a se definir por sua relação com um homem.” (CLARKE, 1981, p. 141).

RESUMO

Os conceitos estereotipados consistem em padrões que generalizam muitos elementos de acordo com o que se entende como senso comum. O presente trabalho tem como objetivo gerar informações sobre estereotipia lésbica e sua expressão e desconstrução na cinematografia, através da análise da série *A League Of Their Own*, utilizando o enfoque social da biblioteconomia e a interdisciplinaridade com estudos de raça, gênero e sexualidade para trazer visibilidade para a comunidade LGBTQIAP+ dentro da área. Como processo metodológico foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa documental para a análise dos estereótipos apresentados e os episódios da série e seus personagens foram utilizados como ferramenta de coleta e produção de dados. Visando analisar a presença de estereótipos em obras de ficção, sob o viés da Ciência da Informação, relaciona-se a formação e a disseminação de estereótipos com a informação, enquanto agente transformador, de modo a entender como esta influencia na criação destes padrões generalizadores.

Palavras-chave: desinformação; estereótipos; lesbianidade; movimento LGBTQIAP+; *A League Of Their Own*; série.

ABSTRACT

Stereotyped concepts consist of patterns that generalize many elements according to what is understood as common sense. The present work aims to generate information about lesbian stereotypy and its expression and deconstruction in cinematography, through the analysis of the series *A League Of Their Own*, using the social approach of library science and interdisciplinarity with studies of race, gender and sexuality to bring visibility for the LGBTQIAP+ community within the area. As a methodological process, a documentary qualitative research was developed for the analysis of the presented stereotypes and the episodes of the series and its characters were used as a tool for data collection and production. Aiming to analyze the presence of stereotypes in works of fiction, under the optics of Information Science, the formation and dissemination of stereotypes is related to information, as a transforming agent, in order to understand how this influences the creation of these generalizing patterns.

Keywords: misinformation; stereotypes; lesbianism; LGBTQIAP+ movement; *A League Of Their Own*; series.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Conceitos e definições sobre a sigla LGBTQIAP+.....	22
Quadro 2 -	Siglas que já nomearam o movimento LGBTQIAP+.....	24
Imagem 1 -	Vestuário de Carson.....	34
Imagem 2 -	Primeiro beijo de Carson e Greta.....	35
Imagem 3 -	Parte das jogadoras do time <i>Peaches</i>	36
Imagem 4 -	Lupe e Carson após receberem a notícia que seriam uma dupla de treinadoras.....	37
Imagem 5 -	Jess, Lupe e Carson no bar gay.....	38
Imagem 6 -	Jo sendo levada de volta à casa das <i>Peaches</i> por policiais após noite na delegacia.....	40
Imagem 7 -	Carson e seu marido Charlie.....	41
Imagem 8 -	Jo sendo carregada por suas ex-colegas.....	42
Imagem 9 -	Vestuário de Lupe.....	43
Imagem 10 -	Lupe e Jess usando vestidos.....	44
Imagem 11 -	Lupe e o treinador Dove.....	45
Imagem 12 -	Lupe e Jess no bar <i>gay</i>	46
Imagem 13 -	Lupe e Esti se abraçam.....	47
Imagem 14 -	Max e Clance nas seletivas para o time <i>Peaches</i>	48
Imagem 15 -	Vestuário de Max no começo da série.....	49
Imagem 16 -	Max usando roupas masculinas.....	50
Imagem 17 -	Max e sua mãe discutem.....	51
Imagem 18 -	Bertie e sua esposa.....	52
Imagem 19 -	Max e Gary se beijam.....	53
Imagem 20 -	Max veste um terno.....	54
Imagem 21 -	Max durante o jogo.....	55
Imagem 22 -	Jantar em família.....	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	OBJETIVOS.....	11
1.2	JUSTIFICATIVA.....	11
2	PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL DA INFORMAÇÃO E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.....	14
2.1	ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.....	17
3	O MOVIMENTO LGBTQIAP+.....	21
3.1	LESBIANIDADE.....	27
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
5	ANÁLISE DA OBRA.....	33
5.1	CARSON SHAW: A LÉSBICA FEMININA.....	33
5.2	LUPE GARCIA: A LÉSBICA DESFEMINILIZADA.....	42
5.3	MAX CHAPMAN: A LÉSBICA NEGRA.....	47
6	CONCLUSÃO.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

Os estereótipos expressam o que é ou não aceito pela sociedade, sejam eles relativos à aparência, comportamento ou de outra natureza, segundo Freire Filho (2004, p. 47). Eles atuam como uma forma de impor um sentido de organização ao mundo social, dificultando a flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade. Os conceitos estereotipados consistem em padrões que generalizam esses elementos de acordo com o que se entende como senso comum.

Embora na contemporaneidade o acesso à informação tenha sido mais democratizado, há de se considerar que nem todos têm plena facilidade para acessá-la, o que acaba resultando na perpetuação de estereótipos e outras desinformações. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2021 o número de famílias sem conexão de rede em casa é de 7,280 milhões, representando 15,3% da população total. Configura-se, então, um *deficit* informacional em uma parcela considerável dos habitantes do país.

Ainda que uma grande parcela de pessoas não possua acesso pleno à internet, na atualidade, filmes e séries podem ser considerados como fontes de informação de amplo acesso, sejam eles exibidos pela televisão, aberta e fechada, ou pelos serviços de *streaming*, pois mediam significados informacionais, mesmo que seu objetivo possa estar mais focado no entretenimento. Segundo Araújo, “[...] as fontes de informações são registros utilizados ao longo da vida do ser humano, possibilitando ampliar a visão do mundo em que vive e sobre as coisas que estão a sua volta”, assim, pode-se considerar que séries e seriados são fontes importantes de informação, uma vez que registram e representam fragmentos da realidade.

A série *A League of Their Own* (2022), em português *Uma Equipe Muito Especial*, é uma história que se passa durante a Segunda Guerra Mundial, em um contexto em que aconteciam grandes revoluções sociais, seguindo a trajetória de um time de *baseball* feminino dos Estados Unidos e de suas jogadoras. Como muitos homens tiveram que se juntar ao exército, mulheres foram convidadas a formarem uma equipe desse esporte que antes era exclusivo ao sexo masculino.

Segundo a sinopse oficial:

Um grupo eclético de mulheres forma uma equipe de *baseball* que acaba por se tornar a sua família. Entre dramas, alegrias e desafios sem fim ao seu estatuto social, estas mulheres provam que a determinação e o amor têm o poder de transformar mundos. Resta saber qual será o preço a pagar. (CENTRAL COMICS, 2022).

Além dos estereótipos de gênero e da exploração dos ideais feministas, que estavam em alta na época em que a série é ambientada, a série também aborda questões raciais e, o mais importante para esse trabalho, com a vivência lésbica e suas preocupações.

Este trabalho tem o intuito de relacionar a formação e disseminação de estereótipos com a informação, enquanto agente transformador, de modo a entender como esta influencia na criação destes padrões, tendo como recorte a vivência lésbica retratada em *A League of Their Own*. Visando analisar a presença de estereótipos em obras de ficção, sob o viés da Ciência da Informação, a pergunta a ser respondida com a pesquisa é: Como obras de ficção ajudam a disseminar e/ou desconstruir estereótipos de gênero, mais especificamente, de lesbianidade?

1.1 OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo geral focalizar estereótipos de gênero aplicados ao estudo da lesbianidade e gerar informações sobre estereotipia lésbica e sua expressão e desconstrução na cinematografia, através da análise da série *A League Of Their Own*, veiculada na Amazon Prime Video em 2022.

A pesquisa busca atingir os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar a representação lésbica e aspectos dos estereótipos em relação a elas, e o que é típico de sua representação e dos estereótipos;
- b) verificar recursos utilizados na desconstrução dos estereótipos ou geração de mecanismos voltados para sua superação, isto é, através de enfrentamento e empoderamento;
- c) desenvolver uma análise das personagens da série, enquanto lésbicas, e enquanto pessoas, inseridas em diferentes ambientes sociais, caracterizando suas interações familiares, com amigos e no ambiente profissional;
- d) observar o papel das pessoas próximas às protagonistas lésbicas, com as quais interagem no reforço ou superação e enfrentamento dos estereótipos, assim como as atividades em grupo propiciadas pelo esporte;
- e) identificar como obras de ficção, no caso os episódios da série *A League of Their Own*, enquanto fontes de informação, podem contribuir para apresentar e desconstruir estereótipos.

1.2 JUSTIFICATIVA

A LGBTfobia, comumente conhecida como homofobia, foi criminalizada em 2019, sendo atrelada à Lei de Racismo (7716/89) (BRASIL, 1989), que prevê reclusão de três anos e multa para aqueles que praticarem, induzirem ou incitarem a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Porém, o número de crimes de homofobia, e, especificamente, de lesbofobia, é alarmante e preocupante.

Consultando materiais de referência sobre violência LGBTQIAP+, identifica-se que o número de mortes de lésbicas, seja por assassinato ou suicídio, denominado lesbocídio, aumenta a cada ano. Segundo o Dossiê sobre lesbocídio no Brasil (PERES, 2018, p. 18) “[...] as formas de violência contra as lésbicas não costumam ser tratadas com a seriedade necessária, o direito das vítimas por justiça e por memória que lhes é negado”. Ainda é muito difícil obter dados concretos sobre este problema, uma vez que não são coletados e analisados por órgãos públicos, como casos de mortes de lésbicas; são mais conhecidos os dados divulgados na mídia e por redes sociais, não representando necessariamente todas as ocorrências ou o número real de mortes. Entretanto, alguns números oficiais sobre a violência contra lésbicas estão disponíveis indicando aumento das ocorrências ao longo do tempo: em 2017 foram registradas 54 mortes no Brasil, representando um aumento de 237% em relação ao ano de 2014. Ainda, o número de suicídios, 19 casos, representa 32% das mortes dentro de toda a comunidade LGBTQIAP+ (PERES, 2018).

O aumento do número de mortes pode ter a ver não somente com o aumento significativo da violência, mas sim com as notificações e controle das informações. Atualmente, há mais discussão e busca pela criminalização de crimes motivados pela identidade de gênero e orientação sexual.

Ainda hoje, em 2022, as lésbicas vivem com medo de expressar suas identidades e vivem em condições não favoráveis à sua existência. Essa realidade decorre de vários fatores, sendo um dos principais os estereótipos acerca da vivência lésbica, de sua aparência e de seu comportamento, o que também pode ser resultado de anos de disseminação de informações equivocadas, ou seja, o estereótipo vem de uma construção sociocultural de significados distorcidos com base em preconceito.

Na área da Ciência da Informação (CI), ainda há poucos estudos sobre a realidade LGBTQIAP+, e, ainda menos, estudos que evidenciem e analisem a vivência lésbica. A exploração acadêmica deste tópico no campo da CI é muito escassa, o que contribui para o apagamento lésbico e, subsequentemente, para a perpetuação dos preconceitos refletidos nos estereótipos. As ideias estereotipadas podem ser erroneamente, e até mesmo inocentemente, disseminados nas unidades de informação, ao escolher um livro com esse conteúdo por

exemplo, justificando, assim, esta pesquisa e considerando as possíveis contribuições para a área de Ciência da Informação e seu enfoque social.

Entretanto, recentemente, a área vem se interessando mais pelos estudos de gênero sob o olhar informacional, o que pode abrir espaço para estudo da lesbofobia e assuntos correlatos. A criação do GT-12 na ANCIB (Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação) trata sobre informação, estudos étnico-raciais, gênero e diversidades, mostra que a biblioteconomia está cada vez mais comprometida com estudos que analisam questões de raça, classe, gênero, sexualidades e interseccionalidades, como advoca o movimento da biblioteconomia social no Brasil e no mundo. Assim, a biblioteconomia passa a reconhecer as pautas levantadas pelos movimentos sociais.

Este trabalho visa chamar a atenção para esses assuntos, gênero e sexualidade, através da análise dos estereótipos acerca da lesbianidade, representados na série *A League of Their Own*, uma vez que, nesse contexto, dissemina-se informação de diversos formatos e maneiras e lida-se também com a desconstrução desses estereótipos, assim contribuindo para a superação das dificuldades enfrentadas pelas lésbicas.

O seriado *A League of Their Own* foi escolhido para análise por representar a lesbianidade para além dos estereótipos difamatórios reforçados equivocadamente em outras obras. O seriado apresenta meios de quebra e desconstrução dos estereótipos, além de focar em outros aspectos da vida das personagens, como relações familiares, questões raciais e de direitos trabalhistas, compondo uma realidade muito mais complexa do que apenas o fato de se abordar as relações relacionar sexoafetivas com mulheres. Além disso, tem foco na promoção da aceitação da identidade lésbica e dos aspectos positivos sobre ela. É também curioso e interessante mencionar que esses temas são abordados em um contexto histórico já remoto – a segunda guerra mundial. Certamente o fato de ter sido então criado, de fato, um time feminino, com intensão de substituir, provisoriamente, o time masculino, torna a ocorrência relevante para tratar dos diversos aspectos envolvidos na questão de gênero.

2 PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL DA INFORMAÇÃO E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Se informação é tudo aquilo que altera, transforma estruturas, então “a informação é a mais poderosa força de transformação do homem [e de todas as pessoas]” (ARAÚJO, 1995, p. 5). A informação é um elemento presente em todas as relações humanas, fazeres e cenários sociais. A informação está intrínseca à cultura, sendo um elemento crucial para a vida em sociedade por trazer conhecimento e, conseqüentemente, emancipação às mais diversas pessoas e sociedades. Segundo Melo e Targino (2019, p. 2):

Diante das transmutações tecnológicas que se dão com rapidez e que provocam profundos e diversificados impactos na esfera social, política, econômica e cultural, a informação passa a ser percebida como um dos (se não o principal) elementos emancipatórios dos cidadãos da sociedade contemporânea, a qual é, agora, reconhecida com diferentes denominações, tais como sociedade da informação e sociedade da aprendizagem.

Com a revolução tecno-científica, que eclode com a Segunda Guerra Mundial, a produção informacional sofre grande aumento e a informação passa a ter um valor estratégico para os governos, que investem mais em pesquisas científicas e tecnológicas, que, juntamente com o desenvolvimento das TICS desencadeia uma explosão informacional (SANTOS; RODRIGUES, 2001, p. 121). Nesse contexto, nasce a Ciência da Informação, com o propósito de amenizar e/ou solucionar os problemas informacionais vinculados, sobremaneira, aos serviços relacionados com os então já intensos fluxos informacionais (MELO; TARGINO, 2019, p. 3).

Para Araújo (1995, p. 6), “[...] embora a informação sempre tenha sido uma poderosa força de transformação, a máquina, o poder de reprodução e a capacidade de socialização deram uma nova dimensão a esse potencial”. Ainda que a explosão informacional na década de 40 tenha sido um grande avanço, com o advento das tecnologias da informação e comunicação (TICs), as práticas da Ciência da Informação diferem do que antes foram. “Essas mudanças trouxeram novos questionamentos, relativos, sobretudo, a questões sociais, culturais, políticas e econômicas voltadas para a forma como as pessoas produzem, disseminam, organizam, preservam e usam a informação” (ARAÚJO, 2018, p. 7).

Há diversas concepções sobre o conceito de informação com base no contexto sociocultural e históricos das teorias desenvolvidas e de seu autores. Nesse trabalho, destaca-se o entendimento calcado na ideia de construção sociocultural da informação e será utilizada

a ideia de Capurro (2007, p. 149), que considera a informação como condição básica para o desenvolvimento econômico, bem como o capital, o trabalho e a matéria-prima.

Capurro (2007) também destaca que a informação é um termo interdisciplinar. No campo das ciências humanas e sociais, a informação pode referir-se ao processo de comunicação. Em suas palavras, há que se destacar o papel receptor da informação: “[...] introduzir a perspectiva do receptor - suas crenças e desejos, torná-lo um parceiro ativo no processo de informação”. (2007, p. 169)

As análises sobre a Ciência da Informação, como área de conhecimento, colocam-na como uma área relativamente nova, que se beneficia de relações e somas de outros campos do conhecimento e disciplinas (MELO; TARGINO, 2019, p. 4-5), reforçando o seu aspecto interdisciplinar. As relações interdisciplinares da área têm se dado, principalmente, com áreas das Ciências Sociais, como a Comunicação e a Antropologia, ampliando assim as possibilidades de ampliação das condições para a construção e o exercício da cidadania na sociedade atual (PEREIRA; MORIGI, 2014, p. 2469).

Na perspectiva acima mencionada, a própria informação é vista como dependente do contexto e suas limitações (CAPURRO, 2007), ou seja, ela está explicitamente ligada ao contexto social no qual está inserida. O paradigma social da informação, voltado para os contextos sociais dos fenômenos informacionais, busca inserir o sujeito nas conjunturas de vida e atuação em nítida perspectiva fenomenológica (MELO; TARGINO, 2019); é o paradigma emergente na Ciência da Informação e considera as demandas e os novos desafios sociais. Para Anna (2017, p. 11):

[...] ao abordarmos um paradigma emergente para a sociedade atual, considerando seu aspecto multicultural, percebemos a importância que o ser humano possui nesse processo, aliado à capacidade libertadora e aos ideais de liberdade e igualdade presentes na pós-modernidade.

A Ciência da Informação, pela ótica social, possui semelhanças com a epistemologia social, que se interessa em estudar “como uma pessoa adquire conhecimento de outra pessoa num contexto social”, além de se constituir como uma interdisciplina das ciências sociais (MARTELETO, p. 874). Segundo a autora:

Os princípios da epistemologia social e sua atualização para os dias de hoje serviriam como um quadro de fundo para a leitura informacional dos processos de produção e apropriação social dos conhecimentos. E, por outro lado, para a reunião interdisciplinar de uma agenda de questões que o campo de estudos da informação deve enfrentar, enquanto (inter) disciplina das ciências sociais.

Um dos objetos estudados pela Antropologia, assim como pela epistemologia social, é o conceito de cultura, que, segundo Tylor (1871), é um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo ser humano enquanto membro da sociedade. Para que o sujeito social esteja plenamente incluído na cultura, é necessário pleno acesso à informação, assim como de participar das discussões sobre questões e problemas que o atingem (PEREIRA; MORIGI, 2014).

A informação sempre esteve ligada a ideia de poder de ação e intervenção (GOMES, 2016), sendo que o seu uso como objeto coletivo é crucial para o desenvolvimento da cidadania, para a qual podem contribuir as novas tecnologias, notadamente a internet. Com o advento da internet, as unidades e recursos de formação e os meios de comunicação compartilham o uso das ferramentas tecnológicas interativas, permitindo uma maior participação dos sujeitos sociais (PEREIRA; MORIGI, 2013).

Para Campêllo e Souza (2019, p. 56),

[...]a informação sempre foi um bem comum para o exercício da cidadania, crescimento e desenvolvimento da sociedade, fundamental para a tomada de decisão e geração de conhecimento, promovendo o desenvolvimento econômico e social.

Desse modo, pode-se considerar a informação como agente ativo na formação, disseminação e perpetuação da cultura.

A informação possui relação direta com a cultura, que molda as relações sociais. Por isso não basta apenas o acesso, é preciso que o acesso, assim como a apropriação da informação sejam democratizados, e atualmente isso implica em levar em consideração o papel das TICs, assim como o desenvolvimento das capacidades interpretativas e discursivas. Segundo Pereira e Morigi (2014, p. 2469):

[...] mas só o acesso não basta. É também necessário que haja uma igualdade social de condições de uso e de apropriação de informação, condição que para ser atingida envolve o acesso facilitado às TICs, especialmente à internet, sua apropriação cotidiana e o desenvolvimento de capacidades interpretativas, discursivas e argumentativas. Contudo, grande parte da população não possui acesso às TICs nem capacidades educativas e culturais para lidar com informação e comunicação de forma ampliada.

É preciso então reconhecer a importância do acesso à informação, e uma forma de tornar esse acesso mais democratizado é por meio das políticas públicas. É necessário compreender a importância de políticas públicas de acesso à informação para a construção de

cidadania, incentivando a prática científica e o desenvolvimento de competências na sociedade da informação, estimulando os indivíduos a novos conhecimentos (CAMPÊLLO; SOUZA, 2019). Assim, é imprescindível que a informação seja apropriada pelos indivíduos que a acessam, como salientado por Pereira e Morigi (2014, p. 2473),

[...] a informação apropriada produz mudanças de comportamentos individuais ou coletivos, sendo que a apropriação individual pode ser replicada aos demais membros de um grupo ou comunidade, devido a partilharem significados culturais comuns.

É crucial que a informação e o desenvolvimento cultural da sociedade estejam interligados. Nas palavras de Freire (2007), um dos objetivos da ciência da informação seria o de contribuir para a informação se tornar, cada vez mais, um elemento de inclusão social, oferecendo oportunidades de desenvolvimento para pessoas, grupos e nações.

A postura de Freire se aproxima a da teoria crítica da informação, que, segundo Araújo, faz parte das seis correntes teóricas que constituíram a Ciência da Informação. A teoria crítica da informação afirma que “[...] a informação é entendida, pela teoria crítica, como recurso fundamental para a condição humana no mundo e, como tal, a primeira percepção que se tem é de sua desigual distribuição entre os atores sociais (ARAÚJO, 2009, p. 197). Esta teoria envolve a questão da democratização da informação no âmbito de grupos e classes excluídos e marginalizados, como o movimento LGBTQIAP+.

Assim, vê-se aqui a necessidade de se estudar questões ligadas à desvios relativos ao acesso e apropriação da informação nesses contextos, e também de identificar mecanismos que podem ser utilizados para a superação de desigualdades no seio desses grupos, o que envolve a politização da informação, para que todos possam ter acesso a ela em todos os seus formatos e suportes.

2.1 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

O estereótipo está inserido em todas as camadas sociais e é disseminado à medida em que a informação alcança as pessoas, entretanto, se apresenta de maneira mais acentuada para aqueles em desvantagem social ou classes marginalizadas. Segundo Costa e Lima (2012, p. 105), “[...] informações e símbolos tornam-se referência para que a sociedade, baseada em seus conhecimentos do senso comum, corrobore ou transforme os conteúdos assimilados e apreenda novos símbolos.”. Pode-se enxergar os estereótipos como produto da disseminação da informação e sua assimilação combinada aos valores individuais.

Todo indivíduo ocupa uma posição na sociedade a que pertence, com maior ou menor prestígio, menores ou maiores ganhos, menor ou maior poder (MARTINS, 2010). Com os avanços da sociedade contemporânea, surgiram diversos questionamentos sobre o ideal de gênero e acerca dos estereótipos que determinados papéis sociais implicam, incluindo características tanto físicas quanto comportamentais. Segundo D’Amorim (1997, p. 122), o estereótipo de gênero é, pois, o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas.

Para Duarte e Spinelli (2019), os estereótipos são transmitidos em vários aspectos da sociedade: costumes, mídia, religião, unidade familiar, entre outros, logo, estão enraizados com a pessoa desde as primeiras, e em todas, interações sociais, deixando de lado as individualidades e características únicas de cada indivíduo, sendo impostos na infância pela determinação de papéis específicos para meninas e outro para meninos.

Há dois tipos de estereótipos: implícitos e explícitos. Teixeira (2021) utiliza a abordagem de Endendjik para classificar estereótipos. Esses podem, segundo o autor, ser implícitos como aqueles em que o repasse acontece de maneira sutil e que se desenvolvem de modo silencioso; já os explícitos, marcam suas intenções e materializam suas ações gestual e verbalmente de forma direta e objetiva. Os estigmas que abarcam esses estereótipos acerca da feminilidade contribuem para a segregação sexual, que prejudica a vida de muitas, se não todas, mulheres, influenciando, também, no processo de processamento de informações.

A segregação sexual mencionada acima, que perpetua a ideia de que mulheres devem estar em desvantagem em relação aos homens nas mais diversas experiências no mundo do trabalho, pode ocorrer de duas formas: vertical e horizontal. Focando no ambiente de trabalho,

“[...] a segregação horizontal, também designada de segregação ocupacional, traduz a concentração de mulheres e homens em diferentes tipos de trabalho, profissões e sectores de atividade; a segregação vertical (que encontramos metaforicamente traduzida na expressão “tetos de vidro”) traduz a inserção de homens e mulheres em diferentes níveis de hierarquia, qualificação e remuneração.” (MONTEIRO; FREITAS; DANIEL, 2018, p. 3).

A reprodução da segregação no ambiente de trabalho apenas reforça o estereótipo de que mulheres são inferiores aos homens, seja intelectual ou fisicamente.

Um dos estereótipos impostos socialmente às mulheres é o ideal de um casamento perfeito, sempre, com um homem, sendo este o objetivo principal das suas vidas, como salientado por Marques (2014, p. 11),

[...] problematizar essa construção do casamento, prescrito para as mulheres, significa jogar luz nos discursos que produziram essa prescrição, mostrando como, a partir deles, foi possível normatizar as práticas das mulheres, no seu dia a dia, preparando-as para o matrimônio, tornando-as “mulheres ideais”

O estereótipo de que mulheres só podem ser seres completos após o matrimônio reforça os ideais machistas e patriarcais da sociedade, salientando que as mulheres sempre dependerão de homens, tanto seu sustento quanto para bem-estar.

Acredita-se que há uma certa expectativa sobre o comportamento dos indivíduos em sociedade. “Há normalidades comportamentais que a sociedade espera serem cumpridas por diferentes categorias de sexo, os indivíduos são rotulados e influenciados a se familiarizarem e se adaptarem a agir de tal forma e não de outra”. (DUARTE; SPINELLI, 2019, p. 130). Todo sujeito que não se encaixa nessa normalidade comportamental, é visto como anormal e subversivo. Para Miskolci (2007, p. 123),

[...] os anormais se caracterizam principalmente por sua forma de viver. Os gays, por exemplo, não seguem o fim da reprodução social ou biológica e, apesar do forte estigma que ainda os marca, têm o potencial de colocar em xeque os fundamentos da ordem vigente e subvertê-la.

Assim, questionar ou rejeitar aos papéis atribuídos ou adquiridos pode significar deixar de existir ou existir enclausurado (MARTINS, 2010, p. 44), causando ao indivíduo dificuldade em sua auto-identificação ou, ainda, anulando completamente suas características que desviam desses estereótipos.

É importante enfatizar que a diferença biológica não determina o gênero de nenhum indivíduo; como frisa Teixeira (2021, p. 19), “[...] a atribuição de papéis segundo o sexo pode moldar os primeiros estereótipos de gênero”. Destaca-se também a performance de gênero, como o indivíduo se apresenta à sociedade e como pode-se perpetuar estereótipos a partir dela. Sobre isso, Teixeira afirma:

A performatividade caminha na esfera da repetição de gestos até a atribuição de significados; por um lado pode ser vista como potencializadora para a construção de estereótipos – viés essencialista sobre gênero – e por outro, para explicar a construção social do “ser” a partir das relações estabelecidas e vivências no ambiente cultural. (TEIXEIRA, p. 22, 2021).

Assim, a performance de gênero pode se dar em qualquer corpo, uma vez que é uma construção sociocultural, e reflete os estereótipos que foram introduzidos na vida do indivíduo desde muito cedo, na infância, representados, intencionalmente ou não, pelas figuras de suas famílias.

3 MOVIMENTO LGBTQIAP+

"Um sujeito é sempre produzido pela ordem social que organiza a experiência dos indivíduos num dado momento histórico, pela subordinação a determinadas regras, normas, leis" (CABRAL, 2017, p. 108). Este conjunto de regras e normas determinam o que é ou não aceito pela sociedade com naturalidade e respeito. Fry e Mcray (1985, p. 11) afirmam que "[...] desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer 'desvio' é reprimido e recupera-se o "bom comportamento". Logo, quando há fuga desses padrões pré-estabelecidos, da expectativa da sociedade, são instituídas diversas formas de repressão, que é rotineiro na vida de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e outras identidades (LGBTQIAP+).

É importante explicitar algumas definições acerca de identidade de gênero e sua diferenciação de orientação sexual. Segundo Scott (1995, p. 75), gênero pode ser definido como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, sendo assim, o papel social que cada sexo biológico representa.

[...] o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (SCOTT, 1995, p. 75)

Jesus (2012, p. 5), reforça o argumento de Scott, destacando o aspecto invisível ou implícito dessas imposições sociais, o que dificulta a sua identificação,

"[...] como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são naturais, totalmente biológicas, quando, na verdade, parte delas é influenciada pelo convívio social".

Portanto, gênero implica em determinações sociais, culturais e históricas. Sempre que estamos referindo-nos ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com qual estamos interagindo (GROSSI, p. 1998).

O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente (JESUS, 2012, p. 6). Pessoas que se encaixam nas imposições de gênero que lhe são designadas são chamadas cisgênero, comumente conhecidas apenas como *cis*, enquanto as

que divergem são os transgêneros, que, para Jesus (2012 p. 8), reivindicam outros papéis de gênero.

Sobre a diferenciação entre homossexualidade e transgeneridade, Jesus (2012, p. 9) afirma:

Ou seja, nem toda pessoa transexual é gay ou lésbica, a maioria não é, apesar de geralmente serem identificados como membros do mesmo grupo político, de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. Homossexuais se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo, o que não se relaciona com sua identidade de gênero. Não se questionam quanto a sua identidade como homens ou mulheres e ao gênero que lhes foi atribuído quando nasceram, ao contrário das pessoas transexuais.

No Quadro 1 são apresentadas as definições dos termos e conceitos da sigla LGBTQIAP+.

QUADRO 1 - CONCEITOS E DEFINIÇÕES SOBRE A SIGLA LGBTQIAP+

Conceito	Definição
Lésbicas	Mulheres que são atraídas afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero (cis ou trans)
Gays	Pessoas do gênero masculino (cis ou trans) que têm desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino
Bissexuais	Pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente com pessoas de todos os gêneros.
Transgêneros	Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros.
Travestis	Uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa Identidade.
<i>Queer</i>	Um adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial pessoas mais jovens, cuja

	orientação sexual não é exclusivamente heterossexual.
Intersexo	Pessoas que nascem com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos que não podem ser classificados como sendo tipicamente masculinos ou femininos.
Assexuais	É um indivíduo que não sente nenhuma, pouca ou condicionada, atração sexual, seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo sexo/gênero igual.
Panssexuais	É uma orientação que rejeita especificamente a noção de dois gêneros e até de orientação sexual específica.
+	Diz respeito à outras identidades de gênero e sexualidades que não estão representadas no siglário, reivindicando a visibilidade da existência das mesmas.

FONTE: baseado em REIS, 2018, p. 21-31.

O entendimento das definições dentro da sigla LGBQIAP+ são extremamente necessárias para que seja atingido o pleno respeito e funcionamento social, uma vez que ainda podem haver confusões acerca de determinadas identidades.

Segundo Santos e Lubisco (2018, p. 2354),

O preconceito e a discriminação, que atingem as chamadas minorias sexuais e de gênero, estão presentes em várias sociedades, inclusive na sociedade brasileira. Tal atitude é uma configuração da agressividade, ignorância e do desrespeito ao próximo, caracterizada por sua forma controladora, em maior ou menor grau, em relação à vida de muitos integrantes da comunidade brasileira de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outros, designada e consagrada pela sigla LGBT.

Conforme o movimento LGBQIAP+ foi se desenvolvendo, com o passar dos anos, seu nome sofreu diversas alterações. Segundo Kipnis (2022):

a mudança da sigla esteve atrelada a uma característica singular do movimento: abarcar vários grupos com demandas diferentes. O nome do

movimento é uma tentativa de traduzir para o resto da sociedade a identidade do grupo e de seus componentes.

No Quadro 2, apresenta-se alguns nomes pelos quais o movimento LGBTQIAP+ já foi conhecido.

QUADRO 2 - SIGLAS QUE JÁ NOMEARAM O MOVIMENTO LGBTQIAP+

Sigla	Definição
MHB: Movimento Homossexual Brasileiro. [por volta de 1970]	Majoritariamente formado por homens gays, que se atraem por pessoas do mesmo gênero;
MGL: Movimento Gay e Lésbico. [ainda na década de 1970]	Incluiu-se mulheres que se atraem por pessoas do mesmo gênero;
GLT: Gays, Lésbicas e Travestis. [por volta de 1990]	Incluiu-se pessoas que apresentam uma identidade de gênero distinta daquela que lhes foi designada no nascimento em razão de seu genital;
GLBT: Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais. [ainda na década de 1990]	Inclui-se pessoas que se atraem por pessoas de mais de um gênero e T também passa a incluir transexuais;
LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais. [por volta de 2000]	Na I Conferência Nacional GLBT (2008), decidiu-se trocar o G e o L de lugar para dar maior visibilidade às lésbicas.
LGBTI+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Intersexo e mais. [por volta de 2010]	Inclui-se intersexos, pessoas que nascem com o sexo não claramente definido, e + de outras identidades sexuais não-heterossexuais e identidades de gênero transgêneras que não se identificam com a sigla hegemônica;
LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, <i>Queer</i> , Intersexo, Assexuais e mais. [ainda na década de 2010]	Inclui-se <i>queer</i> , termo guarda-chuva usado para descrever o amplo espectro de identidades sexuais e de gênero, e A de assexual, pessoas que não sentem atração sexual em maior ou menor grau;
LGBTQIAP+: Lésbicas, Gays, Bissexuais,	Inclui-se pansexuais, pessoas que se atraem

Travestis, Transsexuais, <i>Queer</i> , Intersexo, Assexuais, Pansexuais e mais. [ainda na década de 2010]	por outras, independente de gêneros, se masculino, feminino ou outro.
--	---

FONTE: baseado em KIPNIS, 2022; FACHINNI, 2003.

Mesmo com todas as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, ainda não há uma etiqueta que abarque as múltiplas identidades de gênero e orientações sexuais dentro da teoria *queer* (CABRAL, p. 86, 2019). É importante que haja a maior inclusão de outras identidades dentro do movimento, e, conseqüentemente, mais letras na sigla, uma vez que se aproxima da evolução histórica dos conceitos de gênero e orientação sexual.

Ainda que os avanços dos movimentos sociais tenha aberto portas para o que foge dos padrões heteronormativos, que por definição é o conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidores da heterossexualidade como única forma legítima e natural de expressão identitária e sexual (Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, 2022), percebe-se a perduração de preconceitos contra minorias sociais. Segundo Sacramento e Ferreira (2019), a tolerância pelas pessoas LGBT, por exemplo, não inclui essas pessoas na sociedade, apenas indica uma suposta alteridade e generosidade da maioria das pessoas que permite que elas existam.

No Brasil, o movimento LGBTQIAP+ surge em meio a ditadura militar, período no qual imperavam a repressão, a censura e a imposição de valores conservadores. De acordo com Ferreira e Sacramento (2019, p. 236), “[...] entre as reivindicações desse novo cenário político, a busca por visibilidade passa a ser compreendida como um dos elementos fundamentais para a conquista da cidadania”. Desse modo, o movimento surgiu da necessidade de renovação cultural e ressignificação de identidade.

Pessoas que se identificam como parte da comunidade LGBTQIAP+ passam por microagressões, violências sutis e muitas vezes imperceptíveis para outras pessoas que não a vítima, diariamente. Há alguns tipos de microagressões, destacando-se para essa pesquisa três tipos, micro invalidações, micro insultos e microataques.

Segundo Pereira e Santos (2021), micro invalidações representam a negação ou exclusão de pensamentos, sentimentos ou experiências de grupos sistematicamente segregados, que invalidam a sua realidade diária. Na experiência *queer*, as micro invalidações se dão com a ideia de que os valores cisheterossexuais são superiores e moralmente certos, logo, toda a vivência oposta a isso é inválida.

Para pessoas LGBTQIAP+, os micro insultos são apresentados com ações que tratam sua existência como piada e motivo para humilhação. Pereira e Santos (2021) destacam os micro insultos como sendo ações verbais ou físicas, rudes e insensíveis, carregadas de propriedades humilhantes e insultuosas. Pode-se ter como exemplo os insultos “bicha”, “traveco” e “sapatão”, ou utilizar a palavra “gay” para denominar comportamentos considerados frágeis ou bobos.

Os microataques são formas mais explícitas de agressões que refletem o preconceito enraizado na cultura. Pereira e Santos os definem:

Microataques representam formas mais claras de discriminação, podendo se manifestar verbalmente ou comportamentalmente. Nos microataques, a pessoa pode estar consciente da discriminação, porém não tem o intuito de machucar o membro do grupo sistematicamente segregado. (PEREIRA; SANTOS, 2021, p.17)

Manifestações preconceituosas como a hipersexualização de pessoas *queer*, a LGBTfobia e a ideia de que comportamentos homossexuais são pecaminosos se enquadram no conceito de microataques, pois são valores tão culturalmente estabelecidos que, muitas vezes, o agressor não percebe o que está acontecendo no momento.

Ainda que a luta seja antiga, incansável e que tenha ganhado mais visibilidade com o passar dos anos, ainda há um longo caminho a percorrer. Entretanto, há vitórias significativas na trajetória do movimento LGBT, como a lei de criminalização da LGBTfobia, que foi aprovada em 2019, como afirma Ribeiro:

Portanto, a partir da decisão, quem ofender ou discriminar gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros está sujeito a punição de um a três anos de prisão, prevista na Lei nº 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Assim como o crime de racismo, a LGBTfobia é crime inafiançável e imprescritível (RIBEIRO, 2020).

Para Facchini (2018, p. 133), “o movimento não pode ser pensado de modo dissociado das relações que o informam e constituem e do contexto sócio-histórico em que se insere”. Logo, deve-se pensar na comunidade LGBT como um produto sociocultural, formado pelas relações que se constroem durante a vida daqueles que a pertencem mediante um contexto específico.

3.1 LESBIANIDADE

“Não importa como uma mulher viva a sua lesbianidade - no armário, perante as leis, no quarto - ela rebelou-se contra tornar-se a concubina de um senhor de escravos” (CLARKE, 1981, p. 141, tradução da autora). A rebeldia lésbica, implicada por Clarke, ilumina a reflexão sobre como ser uma mulher lésbica em uma sociedade machista, misógina e homofóbica, é um ato de resistência.

Essa rebeldia, quando vista pela ótica patriarcal, desencadeia em violências, fundamentadas em preconceito e discriminação. Segundo Toledo (2007, p. 4):

Num contexto heterocentrado, falocentrado e machista onde está prevista a dominação masculina e existem modelos de homem, mulher, criança, família etc., que são apresentados como “verdades” naturais e superiores às outras formas de subjetivação, o que foge a esses padrões é estigmatizado, portanto, inferiorizado, e muitas vezes, violentado.

Segundo Souza Junior (2021, p. 65), “o machismo possui como elemento basilar um conjunto de atitudes, comportamentos, percepções de mundo e normatização, cujo principal referencial é o fato da figura masculina se sobrepor, em diversos sentidos”. Assim, a ideia de inferiorização feminina é parte intrínseca dos ideais machistas e patriarcalistas. Nesse contexto, a figura do masculino se faz superior quando comparada com a feminilidade ou com pessoas LGBTQIAP+.

Hooks (2021, p. 142-143) afirma:

[...] mulheres que se identificam com mulheres sejam elas heterossexuais, bissexuais ou lésbicas, raramente fazem da aprovação do homem uma prioridade na vida. É tem por isso que ameaçamos o patriarcado. Lésbicas que uma mentalidade patriarcal são muito menos ameaçadoras do que mulheres feministas, gays ou hétero, que voltaram seu ponto de vista e seu desejo para a direção oposta ao patriarcado, longe de homens sexistas.

O patriarcado, que surge de uma ideia de masculinidade hegemônica, jeito de ser/parecer masculino valorizado por um determinado grupo, em detrimento de outras formas/expressões de masculinidade e feminilidade (Tesauro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, 2022), e o capitalismo, segundo o Dicionário Online de Português (2022), sistema de produção cujos fundamentos são a empresa privada e a liberdade do mercado, sendo o objetivo principal a obtenção de lucro, são dois aliados perante o enfraquecimento de mulheres no âmbito social.

As mulheres foram incorporadas de forma marginal à produção capitalista. Formavam o último estoque do exército industrial de reserva, chamadas a assumir postos de trabalho em momentos de escassez de braços (como durante as guerras), mas sempre as primeiras a serem dispensadas. Seus

salários eram, como continuam sendo, inferiores, bem como seu status profissional (MIGUEL, 2007, p. 1219).

Logo, a tríade machismo, capitalismo e patriarcalismo assumem posição direta contra os direitos das mulheres. Entretanto, com o surgimento e os avanços do feminismo, movimento de auto-organização das mulheres que busca a sua emancipação como sujeito social e a transformação da sociedade como um todo (BEZERRA, 2020), abriu-se espaço para a emancipação destas mulheres, o que prejudica pontualmente a tríade referida.

Mulheres não precisam, necessariamente, depender de homens para alcançar bem-estar e felicidade nem mesmo satisfação sexual (HOOKS, 2021). A partir do momento que uma classe é vista como um perigo para homens brancos, héteros e cisgênero, que se atraem pelo sexo oposto e se identificam com o gênero que lhes foi imposto ao nascimento, toda uma cultura é marginalizada, vista como algo errado e sujo, algo que sempre aconteceu e continua a acontecer, não só com lésbicas, por serem a única sexualidade que não se exclui somente do ideal heterossexual, mas também é alheia ao universo do homem, como acontece com toda a comunidade LGBTQIAP+.

Assim, a existência lésbica é invisibilizada, o que faz com que as mulheres se afastem de um lugar de pertencimento e identificação com sua sexualidade. Esse apagamento decorre do não conhecimento da sociedade sobre o que é, de fato, a lesbianidade. Segundo Clarke, lesbianidade é o reconhecimento, um despertar, o reavivar de nossas paixões por cada uma (mulher) e pela mesma (mulher), logo, ser lésbica significa mais que rejeitar o homem, diz respeito ao sentimento de pertencimento e de amor entre mulheres.

Nesse contexto, citamos Almeida e Heilborn (2008, p. 227):

Um elemento indissociavelmente vinculado ao fortalecimento do movimento de lésbicas nasceu de um aspecto cultural da globalização: o aumento do fluxo de informações e dos veículos de propagação do gosto e da cultura populares. O controle desse fluxo possibilitou uma melhoria da capacidade produtiva, cultural e do potencial de comunicação dos distintos movimentos sociais.

A palavra lésbica também passa pelo processo de marginalização, uma vez que a associação feita ao ouvi-la seja cruelmente ligada à ideia de promiscuidade e pecado, havendo o respaldo religioso da ideia de pecado para corromper a imagem das amantes do mesmo sexo (TOLEDO; FILHO, 2012). Assim, muitas mulheres ainda preferem o ocultamento de suas práticas homoafetivas, por medo da discriminação e rejeição, por exemplo, de suas famílias de origem, por medo de discriminação e julgamento. Para Ribeiro (2018, p.90) “[...] muitas

lésbicas resguardam sua própria sexualidade ou as ocultam da esfera pública, a fim de evitar a exposição ao julgamento, escolhendo de forma forçada o silêncio e a invisibilidade”.

O sentimento de invalidação presente na vida de muitas mulheres, se caracteriza pela ausência ou pela procura de um homem ideal, o que as afasta de sua identidade. Segundo Hooks (2021, p. 140), “[...] se qualquer mulher sentir que precisa de qualquer coisa além de si para legitimar e validar sua existência, ela já estará abrindo mão de seu poder de se autodefinir, de seu protagonismo”. Percebe-se que muitas lésbicas renunciam seu protagonismo ao se relacionarem com homens a fim de preservar-se do preconceito perpetuado pelos estereótipos ainda presentes nas sociedades.

Foi recorrente a hesitação entre perceber as lésbicas, ora como mulheres iguais às demais, ora como uma variante feminina portadora de especificidades (ALMEIDA; HEILBORN, 2008), o que coloca lésbicas em um lugar diferente, excluindo-as do grupo de mulheres ao qual fizeram parte durante toda a vida até o momento de sua descoberta. Essa exclusão era vista até mesmo dentro do movimento feminista, e, segundo Hooks (2021, p. 141) “[...] ainda que pensadoras lésbicas visionárias e/ou militantes tivessem moldado as dimensões radicais do movimento quando as mulheres alcançaram mais direitos, sua presença e suas ideias eram frequentemente esquecidas.”, demonstrando, assim, que a percepção de lésbicas enquanto mulheres foi completamente distorcida.

Os estereótipos a respeito da lesbianidade são diversamente cruéis e vêm de pensamentos e atos violentos. Toledo (2007) afirma que os mitos e estereótipos acerca da lesbianidade poderiam contribuir para a potencialização das vulnerabilidades da saúde lésbica e outros aspectos de sua vida afetivo-sexual, tais como o autocuidado, seu prazer, o amor, o trabalho e outros aspectos relevantes à sua socialização. O que uma lésbica deve ou não fazer, deve ou não vestir, o que lhe é ou não permitido são resultados de uma construção histórico-social fundada em ignorância e preconceito, que silenciaram a voz dessas mulheres e que não representam a realidade vivida por elas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi desenvolvido realizando uma pesquisa qualitativa para identificar a presença de estereótipos lésbicos na série *A League of Their Own*, onde os episódios da série e seus personagens serão utilizados como ferramenta de produção de dados. Caracteriza-se este trabalho como uma pesquisa documental, que, segundo Kripka e Bonotto (2015, p. 58), é aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de compreender um fenômeno.

A série *A League Of Their Own*, baseada no filme homônimo de 1993, foi criada por Abbi Jacobson e Will Graham e estreou em 2022 pelo serviço de *streaming* da Amazon, o Prime Video, e acompanha um grupo de mulheres que participam de um time de beisebol antes protagonizado apenas por homens. Os temas tratados incluem vidas pessoais complexas entre romances proibidos, problemas familiares e questões raciais e de gênero, incluindo, especificamente, a questão da lesbianidade.

Os críticos exaltam a forma como a série aborda essas questões. Melanie McFarland, do jornal Salon, comenta “[...] os personagens de maior destaque cristalizam o foco do programa em vivência *queer* e perspectivas marginalizadas.” (MCFARLAND, 2022, tradução minha) e Lisa Nystrom, do blog australiano Filmink diz: “[...] a representação *queer* é diversa e retratada com sensibilidade, abordando as lutas da lesbianidade durante uma época em que ser assumido poderia resultar em uma sentença de prisão ou pior.” (NYSTROM, 2022, tradução minha). *A League Of Their Own* se destaca pela maneira sensível e realista que retrata os temas em sua trama.

A série é destinada ao público adolescente e jovem-adulto, classificação 14 anos, conta com uma temporada de oito episódios, totalizando 431 minutos e foi o documento analisado por esta pesquisa. Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2002, p. 2), documento é:

Qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Inclui impressos, manuscritos, registros audiovisuais, sonoros, magnéticos e eletrônicos, entre outros.

A análise foi realizada de forma qualitativa, focalizando especificamente três personagens da série e buscando compreender sua inserção enquanto lésbicas, seus comportamentos, vestimentas, interações e posicionamentos perante as situações abordadas no decorrer do seriado, além de apresentar os simbolismos presentes na série. Ademais,

também serão analisadas as visões de outros personagens acerca dos preconceitos enfrentados por elas. O foco da pesquisa está na representação direta e indireta de estereótipos sobre a lesbianidade e interseccionalidades presentes no documento, que é a série.

Serão buscados na análise os conceitos de sobreposição da figura masculina à feminina, explicada por Souza Junior; a distorção da percepção de lésbicas enquanto mulheres, evidenciada por Hooks; desvios de papéis de gênero, afirmados por Fry e Mcray; segregação no trabalho, e, no contexto dessa pesquisa, no esporte, mencionada por Monteiro, Freitas e Daniel; recriminação pelo modo de vida *queer*, o tendo como anormal e subversivo, mencionado por Miskolci; o ideal de casamento perfeito entre homem e mulher, criticado por Marques e a performance de gênero como potencializadora para a construção de estereótipos, evidenciada por Teixeira (2021).

A análise foi feita avaliando os tópicos, divididos em quatro categorias, que são listados a seguir.

Categoria 1: sobre o comportamento de cada jogadora:

- a) evidências de aceitação do estereótipo feminino: mulher mostrando-se fraca, dependente, com visual marcadamente feminino;
- b) dificuldades na aceitação da lesbianidade: medo e ações escondidas;
- c) evidências do estereótipo de lesbianidade: aspecto físico que não se enquadra em estereótipos e que quebra normas, como visual não-feminino;
- d) evidências de empoderamento e amadurecimento a partir da aceitação da própria diferença;

Categoria 2: sobre comportamento de outros atores com quem cada uma interage:

- a) evidências de preconceitos em relação a mulheres e lésbicas (lésbicas vistas como anormais, sujas...);
- b) comportamentos machistas, microagressões: agressões verbais, ameaças recebidas;
- c) empoderamento das jogadoras a partir da aceitação das pessoas que são mais próximas ou modelos para ela;

Categoria 3: sobre as atividades em grupo promovendo o empoderamento das personagens:

- a) conflitos entre as jogadoras e suas resoluções;
- b) apoio entre as jogadoras em momentos de crises pessoais.

Categoria 4: sobre interseccionalidade:

- a) a presença de outras características consideradas minoritárias, aqui serão analisados dois: pessoa preta e pessoa latina;

b) evidências de atos de racismo ou falas racistas.

Após este passo, serão avaliados os dados levantados, por meio da categorização, para que se faça a ligação entre as situações apresentadas da série e a construção e desconstrução dos estereótipos acerca da lesbianidade e gênero.

5 ANÁLISE DA OBRA

A análise da representação acerca da lesbianidade, seus estereótipos e meios de enfrentamento foi realizada através da análise de três personagens centrais para a trama de *A League Of Their Own*: Carson Shaw, Lupe Garcia e Maxine Chapman, e seus posicionamentos, desenvolvimento de personagem e a imagem passada por elas enquanto mulheres lésbicas dentro de suas individualidades.

5.1 CARSON SHAW: A LÉSBICA FEMININA

Carson Shaw é uma personagem interpretada por Abbi Jacobson, que também produziu a série. Shaw é uma mulher que vive no interior dos Estados Unidos no ano de 1943, quando a Segunda Guerra Mundial acontecia e, por isso, seu marido não está presente, uma vez que foi convocado para servir pelo exército norte americano.

Em sua comunidade, localizada em Lake Valley, Idaho, Carson é vista como uma mulher simples e respeitosa, que frequenta a igreja e confraterniza com outras mulheres, dividindo a dor de estar longe de seu companheiro por tanto tempo. Ela performa feminilidade usando vestidos longos e floridos, cabelos compridos e linguajar educado e doce. Com essa concepção acerca de sua imagem, temos alusão à mulher doce e feminina, quase irreal, que se apresenta socialmente com graciosidade e educação.

Imagem 1 – Vestuário de Carson



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Carson sai de sua cidade para se inscrever na Liga de *Baseball* Feminina dos Estados Unidos, que tem sua sede em Chicago, em busca de seu sonho e de emancipação, uma vez que não é feliz e não se vê realizada com a vida que leva ao lado de seu marido, Charlie; porém, ela não sabe ainda o que busca em relação à sua vida amorosa e está confusa sobre seus sentimentos. Ela ainda não sabe que sua confusão vem de sua atração e desejo por outras mulheres.

A personagem então, no teste para jogar na Liga, conhece Greta Gill, também ultra feminina, e sua melhor amiga Jo DeLuca, uma mulher gorda e desfeminizada. Carson logo se aproxima das duas e começa uma amizade com elas; entretanto, sente que Greta a vê de maneira diferente. Essa percepção de Carson acerca de Greta carrega o preconceito de que lésbicas são predadoras sexuais, embora a própria Shaw se perceba atraída pela amiga momentos depois.

Carson e suas novas amigas conseguem entrar no time e, logo, a convivência entre elas e as suas companheiras de time aumenta significativamente. Carson se aproxima mais de Greta e seus sentimentos por ela afloram, fazendo com que ela se sinta suja e confusa por esse sentir atraída por outra mulher. Esses sentimentos negativos em relação à lesbianidade remetem aos estereótipos mencionados pela literatura, sugerindo a presença de construções sociais incutem a ideia de que mulheres são feitas apenas para servir e amar o homem, no

caso de Carson, seu marido; então, se ela não se sente atraída por um homem, se sente inválida enquanto mulher.

Imagem 2 – Primeiro beijo de Carson e Greta.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Quando Carson e Greta se beijam, Maxine, personagem de Chanté Adams, as vê, e Carson, com medo de que as pessoas saibam sobre seu “momento de deslize” pede para que a garota não conte a ninguém. A vergonha e o medo de Carson destacam a anormalidade associada à lesbianidade, à falta de familiaridade com a ideia de que um relacionamento lésbico é algo normal, e não uma deterioração de seus valores.

Conforme o relacionamento de Carson e Greta avança, com encontros escondidos e muitas preocupações, vê-se Carson em processo de mudança e amadurecimento, se desprendendo de muitos dos valores tradicionais dos quais estava acostumada. Em uma cena no primeiro episódio, Greta corta os cabelos de Carson, na altura dos ombros, o que, para ela e para o período histórico em que se constrói a narrativa da série, é um grande passo em busca de sua emancipação enquanto mulher e enquanto lésbica. O corte de cabelo pode representar o rompimento de Carson com o estereótipo de feminilidade que expressa que quanto maiores os fios, maior sua caracterização enquanto mulher.

Carson, e suas companheiras de time, enfrentam muitos desafios para se afirmarem enquanto profissionais tão competentes quanto os jogadores homens, indicando um caminho

no sentido do seu empoderamento. Entretanto, para os profissionais masculinos do esporte que as rodeiam, A Liga Feminina como um todo é vista como uma piada para vender produtos de seus patrocinadores e, em quase todos os episódios em que há partidas, as jogadoras precisam escutar ofensas machistas, e, com algumas personagens, racistas, sem responder à altura. Tendo em vista o estereótipo de mulheres calmas que aceitam críticas e opressões sem reclamar, o comportamento do time é lido como uma representação da realidade vivida pelas mulheres em qualquer âmbito de suas vidas, principalmente o profissional.

Imagem 3 – Parte das jogadoras do time *Peaches*.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

O time *Peaches* é treinado por um renomado ex-jogador de *baseball*, Casey “Dove”, interpretado por Nick Offerman. Entretanto, o treinador, assim como os torcedores homens, não levam a sério o trabalho das jogadoras, deixando de lado técnicas importantes e treinos sem coordenação, o que leva ao debate sobre como homens veem as mulheres em seus ambiente de trabalho e no esporte.

Dove acredita que a função das mulheres é entreter os espectadores da competição, outros homens, de modo a distraí-los da guerra que está acontecendo, como uma fuga da realidade, divergindo do real objetivo do time, que é ganhar o campeonato. Pode-se relacionar essa interpretação com o fato de que a mulher tende a permanecer em uma situação

subserviente ao homem, seja ele seu marido, amigo, colega de trabalho, chefe, ou, no caso das *Peaches*, torcedores e clientes.

Quando Carson e Lupe tomam o lugar de Dove como treinador do time, há duas linhas que se seguem na série. A primeira, de empoderamento feminino, onde vemos, pela primeira vez dentro da narrativa, mulheres comandando um time e liderando um grupo formado por outras mulheres, o que traz grande prestígio a ela. A segunda linha é de rivalidade feminina protagonizada por Carson e Lupe, personagem de Roberta Colindrez, que admirava o antigo técnico, apesar de seus erros imperdoáveis e acredita que Carson não possui as qualidades necessárias para liderar o time.

Imagem 4 – Lupe e Carson após receberem a notícia que seriam uma dupla de treinadoras



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

É comum ver mulheres duvidando do potencial umas das outras, uma vez que o espírito de competição entre elas é estimulado durante toda a vida e, *A League of Their Own*, levanta bem essa questão com Lupe e Carson. Márcia Tiburi (2016, p.7) destaca que a rivalidade feminina é “[...] um mito próprio da ideologia de dominação masculina que se sustenta em mil invenções sobre uma suposta natureza feminina avessa à condição das mulheres como seres capazes de apoiar e ajudar umas às outras.”, logo, a série traz o conflito

entre Carson e Lupe como fruto de seu relacionamento profissional com um homem, o treinador Dove.

A pressão em cima de Carson enquanto treinadora é muito grande e em uma cena a jogadora chora por não suportar as demandas de suas colegas de time. Há uma crença na série que prega que não se chora enquanto se joga *baseball*, que é um esporte extremamente masculino, o que garante o valor do estereótipo de que homens não choram e que mulheres não controlam suas emoções.

Carson desconfia que Lupe quer trocar de time e a segue até a cidade, tendo como destino um bar *gay*. Carson não acredita que existe um lugar onde as pessoas são iguais a ela e a sensação de pertencimento a invade. Ali, Carson descobre que muitas mulheres do seu time, e também adversárias, também são lésbicas e *queer*, mudando seu pensamento de que os comportamentos que vêm demonstrando são sujos ou errados.

Imagem 5 – Jess, Lupe e Carson no bar *gay*.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Jess e Lupe explicam para Carson a existência de lésbicas *butch*, que são mulheres desfeminizadas e como nem todas as lésbicas se encaixam nesse padrão, o que surpreende Carson, já que a imagem de lésbicas desfeminizadas é muito familiar e, em sua visão, é uma maneira de identificar essas pessoas em meio à tantas outras.

Carson então conhece a dona do bar Vi, que é uma pessoa *queer* e desfeminizada. Vi e sua esposa, Eddie, contam para Carson que se casaram, ilegalmente, e que o bar abriga a todos os tipos de pessoas, de jogaras de basecall lésbicas à soldados gays, e Carson fica maravilhada com a existência e resistência dessas pessoas por não se renderem aos padrões de gênero impostos pela sociedade.

Greta e Carson conversam sobre a vontade de ter filhos e Carson destaca a impossibilidade de duas mulheres se reproduzirem. Greta destaca que nunca gostaria de estar com um homem, tanto romanticamente como sexualmente. Atualmente, há maneiras de casais de mulheres, e também de homens, terem filhos, de forma biológica, com a inseminação artificial e fertilização in vitro, e também por adoção, legalizada atualmente em mais de 20 países, incluindo o Brasil.

Em uma visita ao bar gay de Greta, Carson, Lupe, Jess e Jo, há uma batida da polícia e a confusão é instaurada. Muitas pessoas conseguem fugir, porém Jo é deixada para trás, fazendo com que Greta se arrependa de ter ido ao bar e rompa seu relacionamento com Carson. As investidas da polícia contra a população LGBTQIAP+ são duras e violentas, causando lesões à Jo, que, para não sujar a imagem do time com seu comportamento imoral, será mandada para a equipe rival em troca do sigilo da imprensa, ocultando manchetes de “comportamento invertido homosexual”.

Imagem 6 – Jo sendo levada de volta à casa das *Peaches* por policiais após noite na delegacia.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Em meio a confusão da despedida de Jo, o marido de Carson, Charlie, volta da guerra e vai visitá-la na casa das *Peaches*. Charlie está hospedado em um hotel perto da sede do time e, naturalmente para a época em que se passa a série, Carson se instala no quarto junto com o marido. Charlie demonstra ser um marido muito compreensivo e apaixonado, elogiando o cabelo curto da esposa e orgulhoso de suas conquistas enquanto jogadora e treinadora do time de *baseball*, o que o diferencia da maioria dos homens presentes na série.

O fato de Charlie ser atencioso confunde os sentimentos de Carson em relação à sua sexualidade. Quando Carson descobre que Charlie leu a carta que escreveu quando entrou no time, que diz “Querido Charlie, eu te amo, mas a verdade é que não me lembro da última vez que me senti feliz. Não sei porque, mas acho que há algo de errado comigo.” Os sentimentos vêm à tona e ela percebe que o ama como um amigo, não como parceiro romântico, mas não diz isso a ele. Charlie a incentiva a continuar com a carreira de *baseball* por um tempo desde que ela se retire do time na próxima temporada para dedicar-se integralmente a ser mãe, o que traz o estereótipo de que mulheres tem a missão natural da maternidade, como se fossem criadas para esse papel.

Imagem 7 – Carson e seu marido Charlie.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Uma das jogadoras do time, Shirley, divide o quarto com Carson e descobre sobre a sexualidade da colega. Shirley é preconceituosa e possui visões estereotipadas sobre as lésbicas, as considerando pessoas sujas e imorais, e, então ela ameaça contar para Charlie sobre a lesbianidade de Carson e diz que a treinadora não é mais a mesma pessoa em quem ela confiava e tinha laços de amizade.

Carson não se deixa abalar pelas palavras da colega e se posiciona contra o preconceito de Shirley. Em sua fala, Carson diz “[...] você está certa, eu sou uma delas [lésbica]. Não sei o que significa para a minha vida, mas pelo menos estou vivendo. Então pode contar pro Charlie, pode contar pra Bev, eu não me importo”. A força das mulheres lésbicas é representada nesse discurso, que traduz o enfrentamento diário de preconceitos e estereótipos que são superados na luta pela existência e por direitos. Shirley, então, percebe que além de ser lésbica, Carson é sua amiga e companheira de time; e o fato da orientação sexual da capitã ser diferente da sua, não mudava suas qualidades e atributos enquanto pessoa.

No último jogo da temporada, as *Peaches* jogam contra o time em que Jo, ex-colega de time de Carson, participa atualmente. Em uma jogada malsucedida, Jo acaba lesionando a perna e, se ela não concluir a volta no estádio, seu time perde o jogo. Em um ato de amizade, Greta, Carson e as outras jogadoras do *Peaches* ajudam Jo a completar a jogada, dando a vitória para o time rival. A cena é um exemplo da sororidade e empatia feminina, onde o bem-

estar de outra mulher é fundamental para todas as outras, independentemente de prêmios ou títulos esportivos, elas se importaram primeiramente com a saúde Jo.

Imagem 8 – Jo sendo carregada por suas ex-colegas.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

5.2 LUPE GARCIA: A LÉSBICA DESFEMINILIZADA

Lupe Garcia é uma personagem interpretada por Roberta Colindrez. Ela é uma mulher lésbica e latina, que joga no time *Peaches* na posição de arremessadora. Não se sabe muito sobre seu passado, é apenas explicitado que Lupe seguiu seu sonho de ser jogadora de *baseball* contrariando a vontade de seu pai.

Sobre a origem latina de Lupe, na série, os donos do time *Peaches* divulgam à imprensa que a jogadora é espanhola, entretanto, Lupe é do México. Segundo eles, é mais fácil fazer com que as pessoas gostem mais de uma europeia do que de uma latina, demonstrando que, além da lesbofobia e preconceito por não atender aos padrões de gênero. Lupe também é vítima de microagressões racistas e xenofóbicas.

Lupe é uma mulher desfeminizada, ou seja, não se adequa aos padrões de vestimenta e comportamento esperados de mulheres, assim como não performa feminilidade em nenhum âmbito. Suas roupas são tipicamente masculinas e seu modo de agir também se assemelha aos de um homem.

Imagem 9 – Vestuário de Lupe



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Quando as jogadoras são aceitas no time, há uma regra de que não podem ser vistas em público utilizando calças, o que é um problema para Lupe. Se forem vistas de calça, as Peaches pagam uma multa à sua acompanhante, Beverly, que lhes é descontada de seu salário. Lupe, diferentemente de Jess, que aceita pagar a multa posteriormente, abre mão de seus pares de calça e adota os vestidos como sua nova vestimenta, mesmo estando visivelmente desconfortável. Abrir mão de suas vestes é uma forma de apagar sua identidade enquanto lésbica, uma vez que a expressão de gênero também é parte intrínseca de como essas mulheres se apresentam socialmente.

Imagem 10 – Lupe e Jess usando vestidos.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Com o decorrer dos acontecimentos, Lupe tenta adequar seu comportamento ao de mulheres femininas, criando laços com suas colegas de time que atendem a estes padrões, como Maybelle e Estí. Entretanto, não tem muito efeito uma vez que os comportamentos lidos como masculinos fazem parte de sua identidade, e mantê-los é sua forma de autoafirmação. Um dos comportamentos que podem ser citados é, ao dançar com um homem em um bar, sendo que, neste caso, Lupe conduz seu par, invertendo os papéis de gênero impostos não só à ela, como ao homem também.

Quando o técnico Dove chega ao time, Lupe se encanta por conhecê-lo e rapidamente acata todas as alterações dele em sua maneira de jogar, mesmo que isso afete negativamente o time e sua relação com as colegas, principalmente Carson, com quem Dove insiste em comparar Lupe. Ter a aprovação e atenção de um homem faz que Lupe despreze outras mulheres, reforçando o estereótipo de que mulheres são sempre rivais quando um homem está envolvido na situação, mesmo que sejam colegas de trabalho.

Imagem 11 – Lupe e o treinador Dove.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

A pressão sofrida por Lupe só aumenta uma vez que a imprensa divulga que ela é a versão feminina de Dove, uma comparação machista para explicar que ela é talentosa, porém não mais que um homem, então, quando sente dores no cotovelo por arremessar demais e o técnico a pede para continuar trabalhando, dizendo que é apenas cansaço, Lupe acata a decisão. Reflete-se aqui a ideia de que mulheres são frágeis e que não aguentam trabalho pesado, e contínuo.

Por falar espanhol, Lupe forma uma aliança de irmandade com Estí, uma imigrante cubana que também joga no time. Entretanto, conforme seu temperamento oscila devido à pressão do treinador em cima de si, a relação acaba estremecida, assim como a relação de Lupe com todo o time, que, temendo sua reação inesperada, sai para treinos noturno sem convidá-la. Apesar das jogadoras serem unidas, o fato de um homem estar abalando a estrutura dos relacionamentos de Lupe, sem que ela perceba, é um fator crucial para que as outras se afastem dela.

Estí conta para Carson que Lupe está lesionada, deixando a amiga furiosa, já que não queria contar a ninguém sobre sua condição. Demonstrar fraqueza é tido como algo feminino, e para Lupe, que já havia perdido muitas maneiras de se autoafirmar como o uso de calças e comportamento masculino. Ter de expor suas limitações forçadamente é sinônimo de traição e,

se adicionado o fato de passar a maioria do tempo isolada de suas colegas, em solidão, uma vez que o que as une é o *baseball*, Lupe, lesionada, não se sente parte do grupo.

Ainda com a amizade e companhia de Jess, que também é uma mulher desfeminizada, Lupe se sente deslocada das outras jogadoras. Em níveis diferentes, todas as outras performam feminilidade, tanto no vestuário quanto no comportamento e, também, são etnicamente brancas, com exceção de Estí. Para Lupe é muito difícil estar em um meio a que não se sente pertencer e, por isso, ela e Jess vão à um bar *gay* no centro da cidade, onde podem confraternizar com seus iguais e dividir experiências.

Imagem 12 – Lupe e Jess no bar *gay*.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Estar em grupo é muito importante para pessoas LGBTQIAP+, uma vez que o senso de pertencimento se assemelha com a sensação de se estar em família, o que, na maioria das vezes, seno este o caso de Lupe, não é possível graças ao preconceito atrelado a essas pessoas. Relações familiares são sempre complicadas para serem discutidas na experiência *queer*, entretanto, os laços de amizade se aproximam de uma ligação parental e/ou fraternal. Assim, Lupe considera Jess, Estí e o time *Peaches*, como sua família.

Imagem 13 – Estí e Lupe se abraçam.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

5.3 MAX CHAPMAN: A LÉSBICA NEGRA

Maxine Chapman, conhecida como Max, é uma personagem interpretada por Chanté Adams. Max é uma mulher negra que vive em Rockford, Illinois, em um bairro de negros. Ela sonha em ser jogadora profissional de *baseball* e vai até Chicago para participar das seleções para o *Peaches*. Entretanto, jogadoras de cor não são aceitas no time, o que frustra os planos de Max.

Além do racismo que a impede de praticar *baseball* profissionalmente, Max não tem o apoio de sua mãe, Toni, que é dona de um salão de beleza e quer que a filha assuma seu lugar no futuro, além de reproduzir o discurso machista de que *baseball* é um esporte exclusivamente masculino. Entretanto, Max tem o apoio incondicional de sua amiga Clance, que, apesar de achar que Max precisa de um marido para completar sua vida, a acompanha em todos os esforços para alcançar seu objetivo de ser jogadora profissional.

Imagem 14 – Max e Clance nas seletivas para o time *Peaches*.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Max ainda está descobrindo sua identidade enquanto *queer* e suas roupas demonstram a transição entre ainda não saber o que se é, e a plena sensação de pertencimento. No começo ela equilibra sua apresentação social entre roupas femininas, como vestidos e saias, com roupas masculinas, como calças e blazers. Além do machismo, Max também carrega consigo o estereótipo da mulher negra masculinizada, então, mesmo que use adereços femininos, ainda parece mais masculina que as mulheres brancas.

Imagem 15 – Vestuário de Max no começo da série.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Após fracassar em sua tentativa de entrar para o *Peaches*, Max descobre que há um time em sua cidade que é integrado, ou seja, jogadores brancos e negros podem jogar e são tratados em nível de igualdade. Embora seja uma equipe masculina, Max tenta entrar no time, mas, para isso, ela deve trabalhar na fábrica, que é a instituição responsável pelo time. Ao tentar se inscrever para uma vaga de emprego, as responsáveis pela seleção, duas mulheres brancas, dizem à Max que ela não faz parte do perfil das trabalhadoras, tanto por ser negra quanto por suas roupas, que, naquele momento, eram calças. Essa ação configura não só o racismo como também o machismo, que pode ser reproduzido também por mulheres.

Max mantém um relacionamento escondido com uma das clientes do salão de sua mãe, que também é esposa do reverendo da igreja do bairro. Em um de seus encontros, Max conta à mulher que irá tentar ser contratada na fábrica se passando por um homem, e que, para isso, teria de ser referida apenas como Max, e não Maxine, já que o apelido é um nome neutro, servindo tanto para mulheres quanto para homens. Após se vestir como um homem, Max gosta da sensação e se sente à vontade em suas roupas.

Imagem 16 – Max com roupas masculinas.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Com o emprego noturno na fábrica e trabalhando de dia no salão de sua mãe, Max fica exausta e pensa em desistir do salão, uma vez que trabalhar na fábrica abrirá portas para que ela jogue *baseball*. Mas quando Toni a nomeia sócia do negócio, Max se desespera e pede para que sua parceira invente uma mentira para que sua mãe a demita do salão. Porém, para a mulher, se envolver nos problemas de Max seria um risco de ser exposta enquanto lésbica/bissexual, uma vez que é casada e tem família. O medo e a vergonha da exposição são sentimentos recorrentes na vida de mulheres que amam mulheres, tendo em vista a discriminação e o preconceito que podem vir a sofrer; logo, o primeiro instinto de todas elas é se preservar o máximo possível.

Mesmo com o emprego na fábrica, a promessa de poder se juntar ao time integrado não foi cumprida. Apesar do talento de Max, ela ainda é uma mulher e não pode se juntar à equipe, tendo sua capacidade diminuída pelos jogadores e pelo técnico. A atuação feminina nos esportes é tratada como algo impossível, uma vez que mulheres são vistas como frágeis e as pessoas acreditam que não há possibilidade delas se dedicarem tanto quanto os homens aos treinos ou que mulheres não têm vocação ou competitividade para as competições.

A mãe de Max, Toni, é uma figura importante em sua vida e, ao contar que está em um emprego que não o de cabeleireira, Max experimenta o ressentimento dela pela primeira vez. Por isso, contar para ela sobre ser lésbica está fora de seus planos, uma vez que Toni tem um irmão que é um homem transgênero e o repudia desde que soube sobre sua identidade, e Max não suportaria ser rejeitada novamente por ser quem é. Em uma noite, Max escuta a conversa de seus pais e sua mãe diz “Você não acha que, por conta do *baseball*, ela não pode virar gay?”, reproduzindo dois discursos extremamente estereotipados. O primeiro, o de que atletas femininas são sempre lésbicas ou masculinas e, o segundo, que alguém pode se tornar LGBTQIAP+ ao longo da vida se fizer escolhas erradas.

Em uma noite, Max confronta a mãe sobre suas falas preconceituosas contra seu tio e descobre que Toni o expulsou de casa. Max então percebe que, se for *queer* como o tio, apesar de se identificar de outra maneira, terá o mesmo destino. Max sai de casa e vivencia um dos pontos mais dolorosos da vivência LGBTQIAP+, o desprezo familiar.

Imagem 17 – Max e sua mãe discutem.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Max então procura seu tio, Bertie, e não consegue conter o choque ao vê-lo, um homem! Afinal, sua mãe sempre se referiu a ele utilizando pronomes femininos e o chamando de “irmã” ou dizendo a Max que ela tinha “uma tia”. Apesar do espanto inicial, Max se sente acolhida por Bertie e sua esposa, e nota semelhanças entre seu comportamento e os do tio.

Imagem 18 – Bertie e sua esposa.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

As roupas masculinas são apenas o começo das similaridades entre os dois. A maneira de gesticular e de falar também são parecidos, a aptidão para atividades tipicamente masculinas, como o *baseball* e o trabalho na fábrica. Entretanto, Bertie tem que viver escondido e distante de sua família; Max então percebe que ser como seu tio, pertencer à comunidade LGBTQIAP+, vinha com um preço que ela não estava disposta a pagar.

Os sentimentos conflitantes fazem com que Max fuja da casa do tio, não por nojo ou por preconceito contra sua identidade, mas sim por medo do que lhe poderia acontecer caso assumisse quem é, como Bertie fez. Por isso, ela retorna ao salão da mãe para arrumar o cabelo de maneira mais feminina e, então, se submete ao sexo com um homem, Gary, seu amigo. A experiência não é prazerosa ou agradável para Max, que não se sente atraída por Gary, ou por algum homem.

Imagem 19 – Max e Gary se beijam.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Mesmo assim, Max recorre a todos os artifícios para se ver livre da lesbianidade, mudar o visual, o comportamento e até mesmo se relacionar com um homem; mas, por mais que tente, não consegue mudar quem realmente é. A dor de Max faz parte do processo de aceitação de muitas lésbicas, o medo da rejeição e do preconceito são preocupações constantes quando se está descobrindo a identidade, não só lésbica, mas *queer* como um todo.

Então, Max volta atrás em sua decisão de ser mais feminina e tentar se adequar aos padrões heteronormativos e é acolhida por Bertie, que a entende. A união entre eles faz com que o senso de família volte a ser algo feliz para Max, que vivia com medo de não ser aceita e ficar sozinha. Bertie ajuda Max a alcançar um visual com o qual ela sempre sonhou, de forma que se sinta confortável com sua aparência e apresentação social.

Imagem 20 – Max veste um terno.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Apesar de sempre a apoiar, Clance, sua melhor amiga, após conhecer Bertie, diz à Max que entende por que Toni o odeia e o chama de aberração. Max então passa mal, se sente enjoada fisicamente, pois acreditava que a amiga estaria com ela independentemente de como ela fosse ou viesse a ser. O preconceito quando vem de pessoas de quem não se espera sempre é uma dor maior. Porém, quando Max conversa com a amiga e explica que pessoas *queer* não são aberrações ou algo fora do normal, Clance se compromete a mudar sua maneira de pensar, deixando claro que a relação das duas é mais importante que qualquer outra coisa, fosse a orientação sexual de Max ou a sua forma de se vestir.

Estar perto de seu tio fez Max perceber que não precisaria se esconder. Bertie sempre sai para todos os lugares, acompanhado da esposa, sem vergonha de quem é, o que quebra o estereótipo de que, quando se é LGBTQIAP+, deve-se ser discreto em suas demonstrações públicas de identidade de gênero ou orientação sexual.

No campeonato de *baseball*, um novo time, *All Stars*, vai até Rockford para enfrentar o time da fábrica e, para a surpresa de Max, eles tem têm uma jogadora mulher e negra, Esther, com quem Max teve uma relação após uma festa. Entretanto, Max não pode fazer testes para o *All Stars*, uma vez que a vaga para mulheres já havia sido preenchida. Em uma tentativa de ajudá-la com seu sonho de jogar profissionalmente, Esther finge uma lesão para que Max

possa entrar em seu lugar, promovendo a sororidade feminina, mostrando que mulheres podem sim se ajudar sem esperar nada em troca.

Imagem 21 – Max durante o jogo.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

Após Max ser peça crucial na vitória do All Stars, ela é convidada a jogar permanentemente no time, sendo então a segunda mulher a integrar a equipe. Apesar de ir contra a vontade de sua mãe, tanto em relação ao *baseball* quanto à sexualidade, Max consegue reunir a família, Toni, seu pai e Clance, para um último jantar juntos antes de partir para seguir sua carreira como jogadora. A maneira positivista com que a série traz esse encontro familiar é muito importante, visto que demonstra à audiência que nem sempre uma família com um membro *queer* está fadada à separação, embora Toni não aceite a carreira da filha e o jantar acabe logo depois.

Imagem 22 – Jantar em família.



FONTE: A LEAGUE of their own, 2022.

6 CONCLUSÃO

A League of their Own é uma série que carrega consigo uma densa carga de representatividade ao trazer personagens negras, latinas, lésbicas e *queer* de uma maneira positiva, empoderadora e diferente de outras séries. Apesar de retratar temas pesados como lesbofobia, machismo e racismo, a série aponta e desconstrói estereótipos, sendo de extrema importância para evitar a propagação da desinformação acerca das minorias representadas.

Durante a análise da obra, foram identificados alguns estereótipos e aspectos lésbicos que são típicos de sua representação. Estereótipos como lésbicas que odeiam utilizar roupas femininas, visto em Lupe e Jess, e que ser lésbica é algo sujo e imoral, reproduzido, principalmente, por Toni e Clance. Aspectos notados foram a presença do conflito de sexualidade ao terem contato com homens, visto em Carson e Max, a insegurança no trabalho por meio de punição pela sua identidade, apresentada em Jo e a confusão entre gênero e sexualidade, que pode ser vista durante a jornada de Max com sua autoidentificação.

A presença de recursos para a desconstrução dos estereótipos foi vista em cenas como Max e Bertie saindo juntos, desconstruindo a ideia de que pessoas *queer* devem se esconder e serem discretas. A maneira como retratam o relacionamento de Lupe e Jess, que são melhores amigas, desmistifica o estereótipo de que lésbicas são predadoras e que se relacionam com todas as mulheres à sua volta. Ainda o estereótipo de que lésbicas são apenas mulheres que querem se parecer com homens é desmistificada com a presença de Carson, que é uma mulher que atende aos padrões de feminilidade.

A análise focou em três personagens, entretanto, as relações construídas com as pessoas a sua volta foram cruciais para a superação dos estereótipos e também para seu reforço. Para Carson, sua relação com Greta e as companheiras de time a fez desmistificar o conceito de lésbicas predadoras ao ver que eram mulheres gentis. Para Lupe, o relacionamento quase familiar com Jess e Esti quebrou o estereótipo de que lésbicas precisam sempre serem fortes e estarem sozinhas para sobreviver. Já para Max, as falas de Toni a afetaram de forma negativa, já que ela disseminava seus ideais preconceituosos, o que reforça os estereótipos de que a lesbianidade é algo ruim e nojento. Entretanto, o apoio de Bertie e Clance a fez perceber que não há nada de errado em fazer parte da comunidade LGBTQIAP+.

As atividades em grupo, fossem as partidas de *baseball* de Lupe e Carson, no trabalho de Max ou as noites no bar gay, foram de extrema importância para a superação e enfrentamento dos estereótipos. Quando se está em um grupo de pessoas iguais, o indivíduo se sente livre para deixar transparecer sua identidade e, também, conhecer melhor o próximo.

Durante as partidas do time *Peaches* não havia distinção entre hétero e lésbica, todas as jogadoras eram iguais e isso ajudou a desmistificar os estereótipos, como se vê no posicionamento de Shirley em relação à Carson, ou quando Clance aceita Max como ela é, sem ligar para sua aparência ou quem ela amava e o fato de suas colegas de time aceitarem Lupe mesmo ela sendo desfeminizada, demonstra que lésbicas podem estar no meio de outras mulheres sem problemas.

Obras de ficção são frequentemente responsabilizadas por disseminar estereótipos a seu público, contribuindo para o processo de desinformação. Porém, *A League of their Own* apresenta e desconstrói estereótipos fazendo isso com respeito e empatia com as pessoas que está representando em sua história. Há um caráter de empoderamento em suas representações, e, apesar de as personagens passarem por situações desagradáveis, as resoluções desses problemas sempre apresentam positividade e uma nova visão acerca desses estereótipos, fazendo com que a série seja uma fonte de informação fiel e confiável no que diz respeito à lesbianidade e vivência *queer*.

A Biblioteconomia tem um papel social explícito e uma das suas missões é levar informação confiável e íntegra ao usuário, devendo ser, portanto, livre de estereótipos e ideais preconceituosos. É necessário que estudos sejam feitos para que informações verídicas e positivas sobre lésbicas e a comunidade LGBTQIAP+ sejam disseminadas. É possível encontrar outras obras de ficção, como séries, filmes e livros, que sejam fiéis às pessoas às quais representam, que podem ser analisadas e discutidas. Ainda há poucos estudos sobre vivência e representação *queer* na área; entretanto, com a criação do GT 12 da ANCIB, focado em questões raciais e de gênero, o horizonte se abre para que a Biblioteconomia expanda seu foco social com responsabilidade e estudos de qualidade.

REFERÊNCIAS

- A LEAGUE of their own. Produzido por Will Graham e Abbi Jacobson. Estados Unidos: **Amazon Prime Video**, 2022, 8 episódios (431 min.). Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/0RSU4JWOGGX915XGBODNHVS5UG/ref=atv_dp_share_cu_r. Acesso em: dez. 2022.
- A LGBTFOBIA no Brasil: os números, a violência e a criminalização. **Fundo Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtfobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>. Acesso em: 17 set. 2022.
- ACS. Homofobia pode ser enquadrada como crime de racismo. **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios**, 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/homofobia-pode-ser-enquadrada-como-crime-de-racismo>. Acesso em: 17 set. 2022.
- ALMEIDA, G; HEILBORN, M. L. Não somos mulheres gays: Identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Gênero**, v. 9, n. 1, p. 225-249, jul., 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30947>. Acesso em: 02 jun. 2022.
- ANCIB. Coordenações e Ementas de GT. **ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação**. Disponível em: <https://ancib.org/coordenacoes-e-ementas-de-gt/>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- ANNA, J. S. A ciência da informação na sociedade multicultural: o paradigma social como paradigma emergente. **Biblionline**, v. 13, n. 1, p. 3-14, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4775.2017v13n1.32504 Acesso em: 18 jun. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.192-204, set./dez., 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ci/a/qhsrgPL7T6RbKKVbMwrPMNb/?format=pdf&lang=pt_ Acesso em: 28 out. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- ARAUJO, N. C.; FACHIN, J. Evolução das fontes de informação. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 29, n. 1, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23206>. Acesso em: 29 out. 2022.
- ARAÚJO, V. M. R. H. de. Sistemas de informação: nova abordagem teórico-conceitual. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 24, n. 1, 1995. DOI: 10.18225/ci.inf.v24i1.610. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/610>. Acesso em: 4 jun. 2022.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- BEZERRA, E.. **A revolução será feminista, ou não será!**. In: MARTUSCELLI, Danilo Enrico (org.). Os desafios do feminismo marxista na atualidade. Watertown, Mass: Chapecó, 2020. (Coleção marxismo21) p. 51-64. Disponível em: <https://mastersofsexshortcourse.files.wordpress.com/2016/04/cherrc3ade-l-moraga-and->

gloria-e-anzaldc3baa-this-bridge-called-my-back-writings-by-radical-women-of-color.pdf. Acesso em: 03 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 101, jan. 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm#:~:text=LEI%20N%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20raça%20ou%20de%20cor. Acesso em: 25 nov. 2022.

CABRAL, J. R. Arquivos da repressão: fontes de informação sobre diversidade sexual e de gênero na ditadura militar. **Archeion Online**, v. 5, p. 103-121, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.2318-6186.2017v5n4.36268 Acesso em: 26 maio 2022.

CABRAL, J.R. **O Serviço Nacional de Informação e a censura a LGBTI+ na ditadura militar brasileira**. In: RANGEL, T. R.; FERREIRA, R. M. (org.). Memórias da Ditadura: a Arquivologia e o direito ao acesso. ARQ-SP: São Paulo, 2019. p. 82-104.

CAMPÊLLO, L. O. S.; SOUZA, R. B. A importância de políticas públicas de acesso à informação científica: contexto social contemporâneo. **Revista Fontes Documentais**, Aracaju (SE), v. 2 n. 2, n. 2, p. 55-68, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/134720>. Acesso em: 03 jul. 2022.

CAPITALISMO. In: DICIO Dicionário da língua portuguesa. Brasil: 7graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/capitalismo/>. Acesso em: 03 jun. 2022.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan-abr.2007.

CLARKE, C.. **Lesbianism: An Act of Resistance**. In: MORAGA, C.; ANZALDÚA, G. (editor). *This bridge called my back: writings by radical women of color*. Watertown, Mass: Persephone Press, c1981. p. 128-137. Disponível em: <https://mastersofsexshortcourse.files.wordpress.com/2016/04/cherrc3ade-l-moraga-and-gloria-e-anzaldc3baa-this-bridge-called-my-back-writings-by-radical-women-of-color.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

COSTA, A. F.; LIMA, E. B. A representação do arquivista em obras de ficção: perspectivas do profissional sob o olhar do cinema e da televisão. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 2, n. 1, p. 103-119, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/49653>. Acesso em: 29 out. 2022.

D'AMORIM, Maria Alice. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 121-134, dez. 1997. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 ago. 2022.

DUARTE, G.; SPINELLI, L. M. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 32, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaishumanas/article/view/36316>. Acesso em: 06 ago. 2022.

FACCHINI, R. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 3, n. 4, 2012. p. 132-158. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300>. Acesso em: 02 jun. 2022.

FACHINNI, R. Movimento homossexual no brasil: recompondo um histórico. **Cad. AEL**, v.10, n.18-19, 2003. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20788_arquivo.pdf. Acesso em: 14 out. 2022.

FREIRE FILHO, J. Mídia, Estereótipo e Representaçãodas Minorias. **ECO-PÓS**, v.7, n.2, ago/dez., 2004, p. 45-71. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120/1061 Acesso em: 28 out. 2022.

FREIRE, I. M. Janelas da cultura local: abrindo oportunidades para inclusão digital de comunidades. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 35, n. 3, 2007. DOI: 10.18225/ci.inf.v35i3.1129. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1129>. Acesso em: 3 jul. 2022.

FRY, P.; MCRAY, E.. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. 128 p., (Primeiros Passos, v. 26). Disponível em: <http://www.giesp.ffch.ufba.br/Textos%20Edward%20Digitalizados/4.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

GROSSI, M. P.. Identidade de Gênero e sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, p.1-18, 1998. Disponível em: http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf. Acesso em: 29 jun. 2022.

HETERONORMATIVIDADE. *In*: TESAURO sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero. Rio Grande Do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/21664/283/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

HOOKS, Bell. Alegria completa: lesbianidade e feminismo. *In*: HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadora**. 16 ed.. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021, p.137-144.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. [S.n.], Brasília, 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf. Acesso em: 29 jun. 2022.

KIPNIS, B. **Linha do Tempo: Direitos LGBT+:** a evolução do movimento e os debates na sociedade. Fundação FHC, 2022. Disponível em: <https://linhasdotempo.fundacaofhc.org.br/direitos-lgbtqia/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. de L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de investigaciones**, UNAD, Colômbia, v. 14, n. 2, p. 55-73, 2015. Acesso em: 25 set. 2022.

MARQUES, Andrea Cristina. **A produtividade discursiva sobre as mulheres nos artefatos culturais**: a prescrição de uma normatividade social (1950-1970). 142f. 2014. (Dissertação de Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2014. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2517>. Acesso em: 06 ago. 2021.

MARTELETO, R. M. **Produção e apropriação social de conhecimentos**: uma leitura pela ótica informacional. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/172136>. Acesso em: 16 jun. 2022.

MARTINS, E. S. Os papéis sociais na formação do cenário social e da identidade. **Kínesis**, [S. l.] v. 2, n. 4, dez. 2010, p. 40-52. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4905>. Acesso em 06 ago. 2022.

MASCULINIDADE hegemônica. In: TESAURO sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero. Rio Grande Do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/21669>. Acesso em: 03 jun. 2022.

MCFARLAND, M. "*A League of Their Own*" makes up for the past's missed swings, but isn't quite a home run. **Salon**, ago. 2022. Disponível em: <https://www.salon.com/2022/08/12/a-league-of-their-own-review-prime-video>. Acesso em: dez. 2022.

MELO, L. D. de; TARGINO, M. das G. Teorias Contemporâneas e o paradigma social na esfera da Ciência da Informação. In: XX ENANCIB, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis, 2019. p. 1-15. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123341>. Acesso em: 18 jun. 2022

MERLO, S.; BASSI, J. D. S.; CRUZ, J. A. S. Lei de acesso à informação pública: algumas considerações. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 28, n. 3, p. 73-82, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23749>. Acesso em: 03 jul. 2022.

MIGUEL, L. F.. Voltando à discussão sobre capitalismo e patriarcado. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 25, n. 3, set-dez 2017. p. 132-158. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300>. Acesso em: 03 jun. 2022.

MISKOLCI, R. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 7, n. 13, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/169>. Acesso em: 06 ago. 2022.

MONTEIRO, R.; FREITAS, V. DANIEL, F. Condições de trabalho num universo profissional feminizado. **Rev. Estud. Fem**, v. 26 n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/twP4YVCsVx8LbHVNJCmtS8D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2022.

NYSTROM, L. A League of their Own. **Filmink**, 2022. Disponível em: <https://www.filmink.com.au/reviews/a-league-of-their-own/>. Acesso em: dez. 2022.

PEREIRA, A.K. da S.; SANTOS, M. C. S. dos. As microagressões a pessoas LGBTQ+ na mídia e seu impacto na saúde mental de estudantes universitários LGBTQ+. **UniCEUB**, Brasília, 2021. Disponível em:

<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pic/article/view/8181/4992>. Acesso em: 16 out. 2022.

PEREIRA, P. M. S.; MORIGI, V. J. Estudos de usuários e de recepção: uma abordagem a partir da mediação dos conceitos de informação e comunicação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119518>. Acesso em: 03 Jul. 2022.

PEREIRA, P. M. S.; MORIGI, V. J. Inclusão digital, informação e cidadania: relações na favela Santa Marta, Rio de Janeiro/RJ. In: XV ENANCIB, 15., 2014, Belo Horizonte, ECI/UFMG. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/186754>. Acesso em: 03 jul. 2022.

PERES, M. C. C; SOARES, S. F.; DIAS, M. C. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017**. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

REIS, T. (org). **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI, 2018. p. 104 Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/media-noticia/465957/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

RIBEIRO, F.. **Entenda a criminalização da LGBTfobia**: apesar do STF ter criminalizado a conduta de discriminação, ainda não temos leis específicas sobre o tema. Jusbrasil, 2020. Disponível em: <https://faribeiro.jusbrasil.com.br/artigos/868811422/entenda-a-criminalizacao-da-lgbtfobia>. Acesso em: 02 jun. 2022.

RIBEIRO, K. S.; OLIVEIRA, E. B. A representação lésbica na publicidade. **Dito Efeito**, v. 9, n. 14, p. 87-101, jan/jun., 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/de/article/view/9024>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SACRAMENTO, I.; FERREIRA, V. As identidades lgbt no brasil: entre in/visibilidades e in/tolerâncias. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 3, 2019. Disponível: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1924> Acesso em: 26 maio 2022.

SACRAMENTO, I.; FERREIRA, V. Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 2, abr-jun 2019. Disponível: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1924> Acesso em: 02 jun 2022.

SANTOS, A. P. L. dos; RODRIGUES, M., E. F. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116-131, jul./dez. 2013. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248>. Acesso em: 18 jun. 2022.

SANTOS, B. A. D.; LUBISCO, N. M. L. Centro de referência lgbt, espaço de informação: um estudo no centro de referência e defesa da diversidade. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103200>. Acesso em: 26 maio 2022.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SÉRIES: Análise *A League Of Their Own*. **Central Comics**, 2022. Disponível em: <https://www.centralcomics.com/series-analise-a-league-of-their-own/>. Acesso em: 17 set. 2022.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?: o guia da sororidade para todas**. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.

SOUZA JUNIOR, P. R. A cultura machista e os prejuízos aos dissidentes ou divergentes das questões sexuais e de gênero. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 7, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300>. Acesso em: 03 jun. 2022.

TEIXEIRA, Gabriel. **Estereótipos e segregação de gênero na opção por C&T: pesquisa com estudantes do ensino médio do colégio Pedro II**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021.

TOLEDO, L. G.. Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 14., 2007, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro, 2007. p. 1-12. Disponível em: https://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_189.pdf. Acesso em: 02 jun. 2022

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA FILHO, F. S. As lesbianidades entre o estigma da promiscuidade e da ilegitimidade sexual. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 20, n. 40, p. 67–103, 2012. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11539>. Acesso em: 29 jun. 2022.

TYLOR, E. B. **A ciência da cultura**. In: CASTRO, C. (org.). *Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Zahar: Rio de Janeiro, 2005.